



DESIGUALDADES, MASSIFICAÇÃO, OPORTUNIDADES: “ASPECTOS DA GLOBALIZAÇÃO” E SEUS EFEITOS NO MUNDO ATUAL



RESENHA

COSTA, Antônio Marcos Foureaux *et al.* **Aspectos da globalização: Modernidade líquida e a obsolescência programada.** Belo Horizonte: Selo Editorial Starling, 2023. 100 p.

Gustavo Uchôas Guimarães¹

Resumo: “Aspectos da globalização” (Antônio M. F. Costa *et al.*, 2023) trata da globalização sob vários ângulos, em especial as desigualdades que dela resultam e impactos sobre a educação e a cultura. Cada autor traz um ponto de vista e, juntos, os autores oferecem ampla e diversa visão sobre a globalização na qual nos inserimos. É uma interessante leitura, especialmente para professores e pesquisadores das áreas de Humanas.

Palavras-chave: Globalização. Modernidade. Desigualdade. Educação.

Abstract: “Aspects of globalization” (Antonio M. F. Costa *et al.*, 2023) deals with globalization from several angles, especially the inequalities that results from it and impacts on education and culture. Each author brings a point of view and, together, the authors offer a broad and diverse vision of the globalization in which we live. It’s an interesting read, especially for teachers and researches in the Humanities.

Keywords: Globalization. Modernity. Inequality. Education.

¹Pós-graduação. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais Cidade, Estado, País: Varginha, Minas Gerais, Brasil. E-mail: gustavoemarieli19@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8378612277582321>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2878-8090>

Resumen: “Aspectos de la globalización” (Antônio M. F. Costa *et al*, 2023) aborda la globalización desde varios ángulos, especialmente las desigualdades que se derivan de ella y los impactos en la educación y la cultura. Cada autor aporta un punto de vista y, en conjunto, los autores ofrecen una visión amplia y diversa de la globalización en la que vivimos. Es una lectura interesante, especialmente para profesores y investigadores de Humanidades.

Palabras clave: Globalización. Modernidad. Desigualdad. Educación.

A globalização é um fenômeno enraizado na história contemporânea, crescendo no mundo a partir das Grandes Navegações e de seus efeitos sobre as histórias, sociedades e culturas de todos os continentes habitados pelo ser humano. Analisada por diversos ângulos, a globalização pode ser vista como um diminuidor de preconceitos (LETRA, 2012), um desafio para as culturas atuais (SATAYANA, in SANTOS, SOUZA e SILVEIRA, 1998), uma fábula que atinge a todos desigualmente (SANTOS, 2009), uma internacionalização do capitalismo (*idem*), uma aproximação de culturas e diminuição de fronteiras (CONSTÂNCIO, in COSTA e MOURA, 2019), entre outras visões.

Seja qual for o ponto de vista em que se analise a globalização, tem-se uma complexa discussão sobre seus efeitos sobre o mundo atual (política, economia, sociedade, educação, cultura, etc). É com esta proposta que foi escrito o livro “*Aspectos da globalização: Modernidade líquida e obsolescência programada*” (Selo Editorial Starling, 2023), com textos de Antônio Marcos Foureaux Costa, Cleverson Scarpa, Gustavo Uchôas Guimarães, João Bosco Vilela e Luiz Henrique de Oliveira Santos. A obra é dividida em oito capítulos, sendo os cinco primeiros de autoria de Antônio Marcos Foureaux Costa, o sexto escrito por Cleverson Scarpa e João Bosco Vilela, o sétimo por Luiz Henrique de Oliveira Santos e o último por Gustavo Uchôas Guimarães. Cada autor oferece, em sua escrita, olhares que permitem pensar a globalização em diversas áreas da vida cotidiana na atualidade.

A apresentação do livro é feita pelo historiador, ator, diretor teatral e professor Rudimar Constâncio, que chama a atenção para as mudanças geradas pela globalização, como, por exemplo, a comodidade de acompanhar guerras, inovações, violências diversas, entre outras situações, sem sair de casa, apenas assistindo a televisão ou navegando pela internet. Ao focar a educação em sua análise, Constâncio atenta para uma contradição nas escolas: a globalização faz as inovações tecnológicas alcançarem o mundo todo, mas isso parece não impactar no cotidiano escolar ainda dominado por currículos e práticas influenciados por perspectivas tradicionais, fabris e pouco propensas a formação crítica e

cidadã dos alunos. Constâncio destaca que, para se resolver esta contradição, não se pode escapar da necessidade de uma formação docente que foque as habilidades com as tecnologias da informação e comunicação e o desenvolvimento de uma consciência enraizada nos pilares da educação (aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer). Este caminho, segundo ele, prepara professores e alunos para as mudanças que, constantemente, são experimentadas em um mundo globalizado.

O primeiro capítulo, intitulado “Zygmunt Bauman e a teoria da modernidade líquida”, trata da visão do filósofo polonês a respeito do mundo atual, em que o mundo globalizado é bastante complexo e as relações humanas tornaram-se incertas, voláteis, sem continuidade, frágeis e passageiras. Neste capítulo, o professor Antônio Marcos Foureaux Costa parte do pensamento de Bauman para descrever o ser humano atual como desprendido, um ser instável que não se enraíza nas relações familiares, nos empregos, nas amizades, nos propósitos de vida. Esta é a “modernidade líquida” analisada por Bauman, em que as transformações ocorrem com grande velocidade e as pessoas, mesmo criativas, não prezam pela solidez e pela durabilidade, adotando, pelo contrário, um estilo de vida marcado pela obsolescência programada, ou seja, a constante troca de produtos e modismos que logo se tornam “ultrapassados” e dão lugar a novos (e pouco duráveis) produtos e modismos.

No segundo capítulo, “Sabe o que é globalização?”, o mesmo autor transita pelas definições de globalização, iniciando com uma caracterização histórica do termo e discutindo a inevitabilidade da globalização, que hoje marca as relações sociais, as culturas humanas e o destino de uma humanidade que se torna interdependente.

O terceiro capítulo tem como título “A globalização como fábula e a persistência da desigualdade”. Antônio Marcos Foureaux Costa, neste capítulo, transita pelas ideias de Milton Santos (2009), para quem a globalização é uma fábrica de desigualdades e se impôs pela violência, desde o início da colonização da América. Costa destaca que a globalização, por um lado, espalha informações e faz as pessoas conhecerem e se relacionarem com diversas culturas, enquanto, por outro lado, não consegue eliminar ou atenuar a desigualdade de condições entre as pessoas e a incapacidade econômica de garantir dignidade a todos (por exemplo, as inovações tecnológicas e os modismos, que influenciam milhões de pessoas, convivem com a insegurança alimentar e a desnutrição, que atingem também milhões de pessoas).

No quarto capítulo, intitulado “A globalização da desigualdade desde as Grandes Navegações”, o mesmo autor foca na realidade de dominação imposta pelos colonizadores europeus em todos os lugares que dominaram a partir do século XV, produzindo violências, desigualdades, conflitos, pobreza e uma lógica capitalista de grande concentração do poder e da riqueza nas mãos de poucos, enquanto milhões de pessoas pouco ou nada têm para sobreviver. A Revolução Industrial, a partir do século XVIII, aprofundou esta situação de desigualdades causada pela globalização, em uma lógica de consumo que sustenta o capitalismo e que não é acessível a todos em iguais condições. A exagerada busca por consumir e andar conforme a “moda” traz excesso de trabalho, ansiedade, depressão e construção de visões de sucesso muitas vezes inalcançáveis.

O quinto capítulo, “A Revolução Industrial e a intensificação das desigualdades”, é uma continuidade do capítulo anterior, com uma perspectiva histórica sobre o crescimento da globalização e os consequentes impactos sobre o mundo atual. Costa aborda a Revolução Industrial sob a ótica dos problemas sociais trazidos por este evento histórico: divisão internacional do trabalho, desigualdade nas relações internacionais (países industrializados como centros de produção e países pouco ou não industrializados como fornecedores de matérias-primas e mão-de-obra barata), falta de condições dignas de vida e de trabalho para os operários das fábricas, alta concentração de riquezas nas mãos de poucos, entre outras situações que aprofundaram as disparidades entre as classes sociais nos últimos 300 anos.

No sexto capítulo, com o título “A lógica do consumo e a obsolescência programada”, os professores Cleverson Scarpa e João Bosco Vilela analisam as conexões, nos tempos atuais, entre os padrões de consumo e a obsolescência que caracteriza produtos, modas e relações humanas. Para isto, os autores fazem um percurso histórico que remonta ao Acordo Internacional de Breton Woods (1944), cujo objetivo era remodelar as relações econômicas internacionais (por exemplo, “consagrou” o dólar como moeda internacional), além de passar pela formação e funções do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, instituições que tiveram importante papel, no século XX, na reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial e na determinação de relações econômicas que impulsionaram a lógica de consumo como motor do capitalismo, o que trouxe ainda mais efeitos sociais, ambientais e econômicos, especialmente em países mais pobres e entre grupos humanos com menos recursos.

O sétimo capítulo, intitulado “O tempo contra o espaço: a abordagem das gerações em debate na educação geográfica”, do professor e turismólogo Luiz Henrique de Oliveira Santos, reflete sobre como o mercado de trabalho divide os indivíduos em gerações (*baby boomers*, *millenials*, geração *x*, etc) e os categoriza, de forma genérica, para atender demandas do mercado e exigir padrões de comportamento de acordo com lógicas capitalistas. Por exemplo, exige-se certos comportamentos e habilidades da geração *z* (ou *alpha*), como se todos os que se são considerados desta geração tivessem semelhantes condições de vida e padrões de consumo; ou ainda, se pessoas de determinada “geração” destoam do que é esperado como padrão, são consideradas como “nascidas na época errada”. Assim, a análise temporal se sobrepõe à análise espacial, ou seja, espera-se homogeneizar as pessoas de acordo com a época em que nasceram e não se considera fatores locais e regionais que diferenciam as sociedades humanas. Segundo o autor do capítulo, há “uma nova lógica que conecta pontos distantes no espaço em um mesmo tempo, mas torna lugares no mesmo espaço discrepantes no tempo” (p. 67), isto é, a globalização gera uma desigualdade, no mesmo espaço, entre os que acompanham a evolução das inovações e os que só tem acesso às inovações quando estas se tornam ultrapassadas. A partir desta análise, Santos afirma que a educação geográfica é capaz de ajudar a superar uma visão hegemônica, que uniformiza os grupos humanos apenas em função das gerações; esta forma de educação, segundo o autor, leva os indivíduos a se identificarem ainda mais com seu espaço de vivências e a perceberem a multiplicidade de espaços e de possibilidades de se relacionar com os espaços.

Por fim, no último capítulo, “Globalização, lei 11645/2008 e espaços escolares: Relatos de experiências e reflexões sobre perspectivas”, o professor Gustavo Uchôas Guimarães trata da globalização como uma oportunidade de se aproximar das diversidades culturais, especialmente das culturas indígenas, foco do capítulo. O autor aborda suas próprias experiências docentes no ensino de História Indígena, partindo da perspectiva de que o mundo globalizado pode permitir a promoção da diversidade cultural e incentivar os alunos a se aproximarem das histórias e culturas indígenas através de vários meios, inclusive com a reflexão sobre os impactos da globalização sobre estas culturas. Para Guimarães, o acesso a diversos conhecimentos e às tecnologias digitais são aliados de professores e alunos na superação de visões eurocêntricas a respeito de nossa história, cultura e sociedade,

permitindo, no caso das histórias e culturas indígenas, “ir ao encontro das vozes que se fazem ouvir” (p. 95).

O livro “*Aspectos da globalização: Modernidade líquida e obsolescência programada*” como se pode perceber, faz saltar aos olhos várias possibilidades de enxergar, refletir e analisar a globalização, oferecendo um arcabouço histórico, sociológico e geográfico que embasa especialmente as possíveis abordagens sobre globalização por parte de professores e pesquisadores das áreas de Humanas. Logicamente, o livro não pretende esgotar o assunto ou tornar-se absoluto quanto ao tema “globalização”, mas é uma interessante ferramenta de reflexão, análise e diálogo sobre como o mundo globalizado influencia os muitos aspectos da vida humana. Pelas óticas apresentadas no livro (histórica, geográfica, econômica e cultural), o leitor (seja ele um professor, pesquisador ou qualquer indivíduo interessado na temática) pode vislumbrar um leque de abordagens e reflexões capaz de contribuir com a formação de um pensamento crítico em relação a globalização e seus efeitos no mundo atual.

Referências

CONSTÂNCIO, Rudimar. Por uma educação construcionista. In: COSTA, Antônio Marcos Foureaux; MOURA, Dayvison Bandeira de (org.). **Caleidoscópio pedagógico, diferentes olhares**: práticas, concepções e educação inovadora. Lisboa: Lisbon International Press, 2019. P. 15-32.

LETRA, Leda. **Para indígena brasileiro, globalização ajuda a diminuir o preconceito**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2012/08/1412271-para-indigena-brasileiro-globalizacao-ajuda-diminuir-o-preconceito> Publicado em 09.ago.2012. Acesso em 21.jan.2024. Entrevista com o professor e escritor Daniel Munduruku.

SANTAYANA, Mauro. O século XXI e o desafio das etnias. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998. 4ª ed.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Recebido em: 26 de fevereiro de 2024
Aceito em: 29 de fevereiro de 2024
